

## As Formas do Discurso da Exclusão

Rebeca Simão \*  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

*Resumo: O interesse em estudar as formas do discurso da exclusão, especificamente o neonazista, surgiu devido à atualidade do tema. Esse trabalho foi baseado, essencialmente, na Análise do Discurso de linha francesa e na Teoria da Enunciação. Utilizou-se como corpus o filme: O skinhead no divã, de Suzanne Osten, em que o discurso da exclusão se manifesta de modo saliente.*

A xenofobia, o racismo e outras formas de preconceitos são temas atuais. Nesta pesquisa, esses elementos foram trabalhados do ponto de vista do discurso, lugar em que se manifestam as inscrições históricas e psíquicas do enunciador; cabe à análise do discurso essa investigação. Desse modo, não se pode perder de vista o contexto no qual está inserido esse discurso e também sua relação com a alteridade.

O objetivo central desse trabalho é de demonstrar, por meio da análise do discurso, momentos de interlocução que revelam um discurso que exclui. Desse modo, o discurso neonazista é bem relevante, visto que nele constrói-se a imagem de um outro total, que é recusado. O que caracteriza essa manifestação são certas formas que constituem o discurso da exclusão.

O desenvolvimento dessa pesquisa envolveu estudos bibliográficos no campo da análise de discurso e da teoria da enunciação, mais particularmente sob as formulações de autores como: D. Maingueneau, O. Ducrot, J. Authier-Revuz e E. Orlandi; em função dos resultados a que se chegou, com as análises, e das conclusões a que remetiam, recorreu-se também à leitura de textos que apresentam as concepções de J. Lacan quanto à teoria do espelho.

Este trabalho toma como objeto de análise o filme: *Um skinhead no divã (Tala! Det Är Sa Mörkt*, Suécia, 1992. Direção, Suzanne Osten; Produção Götafilm AB/Swedish-Film institute), que tem como tema o encontro entre o jovem skinhead Sören e o psicanalista judeu Jacob. No início do filme, Sören e seus amigos estão espancando um homem iraniano em uma estação ferroviária, onde um trem está parado. Em um dos vagões do trem está Jacob que, ao perceber a confusão, tenta pedir ajuda. Entrementes, Sören, machucado, entra na cabina onde está Jacob. Os dois iniciam uma conversação. A partir de então, Sören e Jacob se encontrarão nas sessões de análise, nas quais ambos confrontarão suas dúvidas, ideais e medos.

No filme, por meio das sessões terapêuticas, nota-se que o discurso do skinhead é bastante saliente. Assim, pode-se inferir que as formas típicas do discurso da exclusão aí se manifestam. Cabe, ainda, ressaltar que, apesar do filme ter ambientação sueca, o discurso da exclusão, no caso neonazismo, não se limita a esses tempo e espaço.

---

\*Esse artigo é o resumo do relatório final de pesquisa de Iniciação Científica, na área de lingüística, sob a orientação da Profª Rosana Paulillo Ferroni – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Desenvolvido em agosto/2001 a agosto/2002.

Portanto, a hipótese de que parte este trabalho é que o discurso da exclusão é um tipo (Orlandi, 1983), ou seja, caracteriza-se por formas próprias. A partir disso, o objetivo é investigar quais são essas formas.

Para tanto, partiu-se, em um primeiro momento, da transcrição do filme e foi feita uma pré-análise do *corpus*. Notou-se que os momentos interlocutivos entre Sören e Jacob constituem o cerne do filme e que no interior dessas seqüências de diálogo entre os dois parecia manifestar-se de modo mais agudo a emergência do discurso da exclusão. Desse modo, foi empregada a técnica do recorte (cf. Orlandi, 1984), que consiste em retirar do *corpus* partes consideradas relevantes para o objetivo da análise.

Trabalhou-se com a técnica de dessintagmatização, a partir dos recortes, procurando circunscrever unidades sintático-enunciativas. Há dois tipos de dessintagmatização: lingüística e discursiva. A primeira trabalha as relações parafrásticas, explicitando o dito e o não dito, enquanto a segunda, mostra a formação discursiva dominante e suas relações com outras formações discursivas no texto.

A partir da análise das cenas transcritas do filme, observou-se que, nos momentos de interlocução entre o psicanalista e o skinhead, o discurso da exclusão – representado por Sören – mostra-se, por vezes, contraditório, pois reflete nos estrangeiros aquilo que gostaria/odiaria (de) ser.

Abaixo, há partes das cenas utilizadas para essa análise.

### 3.1 Cena 15

Sören está no consultório de Jacob. Ele está ansioso, estrala os dedos da mão.

J: Essa garota, Anna, é sua vizinha?

S: Aonde quer chegar?

J: Você gosta dela? Costuma vê-la com freqüência?

S: Não. Por quê?

Uma pausa de silêncio

S: Você não fala. Está assustado?

J: Não.

Nesse trecho, pode-se observar que a pergunta de Sören,

*Você não fala. Está assustado?.*

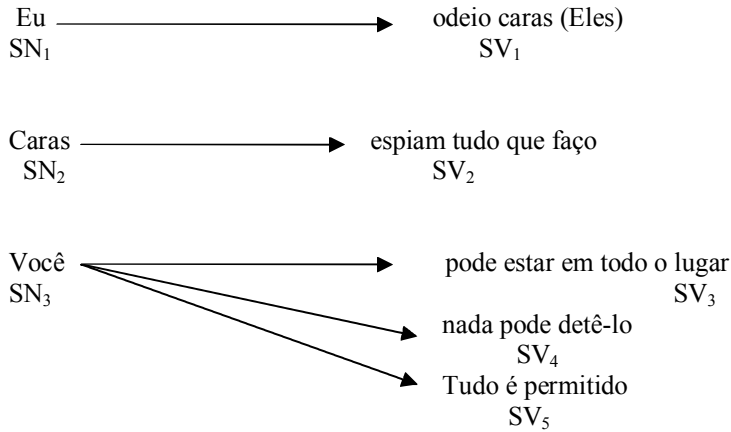
aponta para suas próprias respostas:

*Aonde quer chegar?, Não. Por quê?,*

enquanto respostas que indagam pela intenção do interlocutor. Há um reflexo de si sobre o psicanalista.

A partir das cenas citadas abaixo, observa-se que há um peculiar movimento interlocutivo, posto que os enunciados de Sören em certos momentos incluem Jacob no grupo de estrangeiros (Vocês) e, portanto distanciam o enunciadador Sören deste grupo; ora excluem Jacob do grupo de estrangeiros (Eles), em contraste com o outro grupo Sören/Jacob (Nós). Nota-se, ainda, que esse *nós* (Sören/Jacob) outras vezes traz à tona um distanciamento de Sören do grupo Skinheads (Eles).

S: Odeio caras que ficam espiando tudo que faço. Acha que pode estar em todo lugar, que nada pode detê-lo... que a você tudo é permitido...fazer qualquer coisa.  
 J: Acha que posso fazer coisas que a você são proibidas?  
 S: É típico dos malditos estrangeiros. Os estrangeiros estão em toda parte. Vocês são todos desprezíveis. Está assustado e quer saber de tudo.



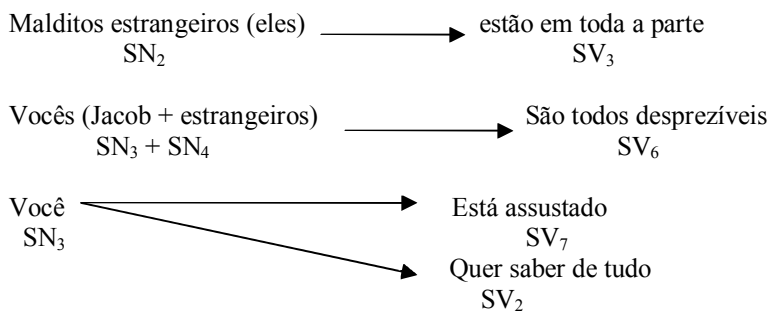
Neste movimento, manifesta-se um contraponto entre

Eu - Eles (Caras)  
 Eu - Você (Jacob)

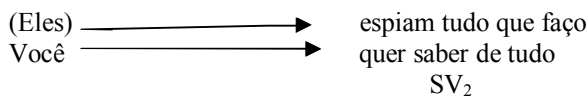
que, pelas relações parafrásticas entre os SV (1 a 5), permitem identificar as posições interlocutivas

Eles/Você

o que significa a inclusão de Jacob no grupo dos estrangeiros: vocês (você + eles). Esse movimento se torna explícito na continuação da seqüência:



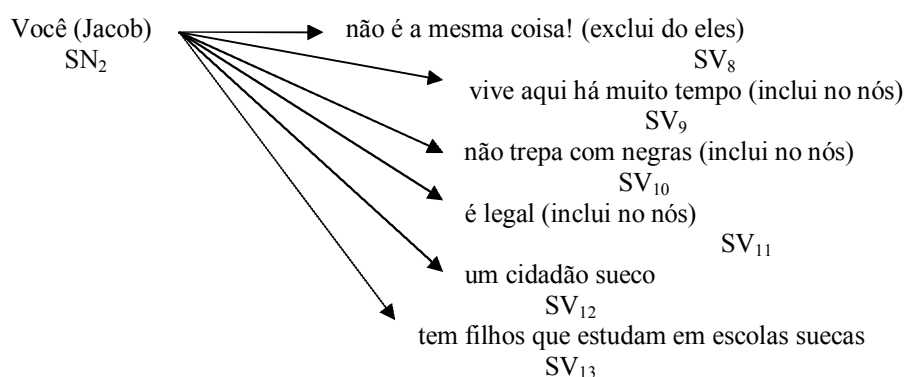
Nota-se a recorrência de SV<sub>2</sub> e SV<sub>3</sub> que, em cada instância enunciativa, toma como SN *você e eles*.



SV<sub>3</sub>

3.2 Cena 43

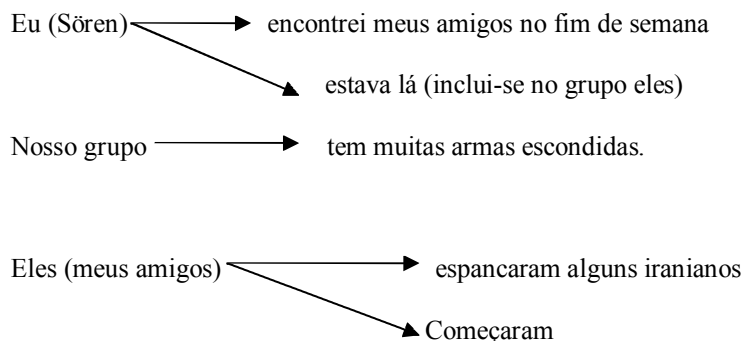
J: sou estrangeiro. Sou daqueles que seus amigos... querem expulsar da cidade.  
 S: não é mesma coisa! Vive aqui há muito tempo. Ao menos, não trepa com negras. Odeio crianças mulatas! Você é legal!  
 J: a maioria não trepa com negros, se é isso que o incomoda.  
 S: você é um cidadão sueco, certo?  
 J: sim, muitos imigrantes são cidadãos suecos.  
 S: tem filhos suecos que estudam em escolas suecas.  
 J: os filhos dos imigrantes vão à escola. É obrigatório, não?



Já nesta cena, como se vê, o discurso de Sören exclui Jacob do grupo dos estrangeiros, o que equivale a inclui-lo no *nós* (suecos).

3.3 Cena 23

S: Encontrei meus amigos no fim de semana. Espancaram alguns iranianos, e você acha que eu estava lá.  
 J: Não soube de nada. Está nos jornais?  
 S: Nosso grupo tem muitas armas escondidas num lugar secreto. Meus companheiros...  
 J: Se você está com uma arma... tire-a daqui imediatamente.  
 S: Eu estava lá. Os jornais publicam muita merda. Eles começaram.



Aqui, mostra-se um movimento que vai da inclusão

Eu + Eles = Nós

ao afastamento presente em

Eles espancaram alguns iranianos

em que *eu* se exclui do grupo.

### 3.4 Cena 31

S: seu pai batia em você?

J: sim, ele batia em mim. Há muito tempo. Depois, foi minha mãe.

S: seu pai morreu? Como ele morreu?

J: ele morreu em Auschwitz. Ele morreu assassinado.

### Cena 47

S: eu sei muito bem disso. Você é um idiota, se pensa que pode me enganar.

J: o que quer dizer?

S: aquilo sobre seu pai e sua irmã. Por que diabos eu iria cair nessa?

J: a que se refere?

S: Auschwitz. Nunca existiu. Por que eu iria cair nessa? (pausa) você é doido.

J: seus amigos...

S: deixe meus amigos fora disso. Seu bosta!

J: Auschwitz existiu.

S: não existiu.

Em um primeiro momento, na cena 31, Jacob relata sobre Auschwitz e Sören acolhe esse enunciado, ou seja, houve um pacto interlocutivo que reforça o liame entre os enunciadores (nós – Sören/ Jacob): *S: seu pai morreu? Como ele morreu?//J: ele morreu em Auschwitz. Ele morreu assassinado.* No entanto, na cena 47, Sören recusa os enunciados anteriores de Jacob, ou seja, emerge um afastamento entre Sören (eu + Skins) e Jacob (Eles): *S: Auschwitz. Nunca existiu. Por que eu iria cair nessa? (pausa) você é doido.// J: Auschwitz existiu.// S: não existiu.*

### 3.5 Cena 17

J: Por que tem medo que imigrantes batam em você?

S: Malditos estrangeiros. Vão acabar com a gente. Eles querem se apossar de tudo o que temos.

Malditos estrangeiros (eles) → Vão acabar com *a gente*.

Eles → querem se apossar de tudo o que temos

Observa-se, neste momento, o caráter ambíguo, indeterminado das formas

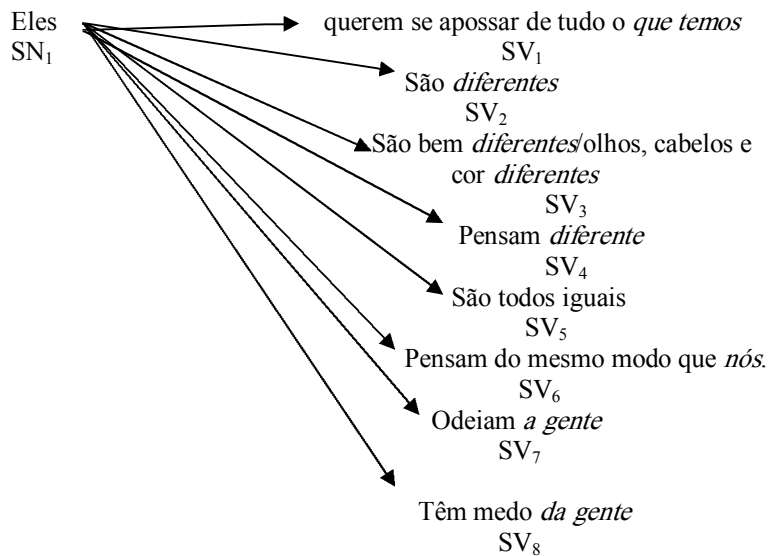
A gente

Nós

que, nestas instâncias, não são marcados quanto a incluir/excluir o interlocutor Jacob. Mas essa configuração se altera ao longo da seqüência.

### 3.6 Cena 17

S: Claro, eles são diferentes.  
 J: Você também é diferente, não?  
 S: Eles são bem diferentes. Olhos, cabelos e cor diferentes. Eles pensam diferentes. São todos iguais.  
 J: O que acha que as pessoas pensam de você, como nazista?  
 S: Elas têm medo. Odeiam a gente.  
 J: Por quê?  
 S: Por que somos diferentes.  
 J: Vocês se vestem iguais para mostrar que são diferentes.  
 S: Você é um imbecil. Sempre mistura as coisas. Eles pensam do mesmo modo que nós.  
 J: E odeiam você por ser diferente?  
 S: Sim.  
 J: Assim como odeia imigrantes por eles serem diferentes?  
 (Sören se espanta)  
 S: Nossa!  
 (Pausa)  
 S: Precisamos estar preparados. É preciso ser muito estúpido para pensar que se pode andar pela cidade... numa boa. Eles estão em todo lugar.



Aqui, *nós* caminha de uma dimensão ampla, no SV<sub>1</sub> – que poderia inclui Jacob – para adquirir o sentido preciso de *grupo de skinheads*, o mesmo ocorre com *a gente*, no movimento que vai do SV<sub>7</sub> ao SV<sub>8</sub>.

Nós → *Somos diferentes*

O segmento abaixo (cena 15), é muito interessante: devido ao modo como o enunciado é formulado, manifestam-se os fantasmas que Sören localiza no Outro. Desse modo, ele utiliza *vocês*, como mencionado anteriormente, para identificar Jacob com os estrangeiros e reporta um enunciado suposto de Jacob/dos estrangeiros, marcando-o como discurso do outro, sob a forma do discurso indireto (Sei que pensa que sou uma bicha) e do discurso direto (É o que vocês pensam: *Ele é uma bicha*). No entanto, este enunciado é do próprio careca: é ele quem o diz. Há, ainda, o uso da primeira pessoa: *Eu, o bosta, sei que Sören é bicha*, referindo-se a Jacob.

No discurso de Sören, as várias vozes presentes se imiscuem; na sua formulação, designa-se como terceira pessoa:

Ele é uma bicha  
Sören é bicha

enquanto o interlocutor Jacob é designado como primeira pessoa:

Eu, o bosta, sei que Sören é bicha

S: Acha que pode me enganar, mas não pode. Sei que pensa que sou uma bicha.  
(Sören levanta)

S: É o que vocês sempre pensam: *Ele é uma bicha*. Só que ele não sabe. Eu, o bosta, sei que Sören é bicha. Pensa que não sei que acha isso?

Algo semelhante ocorre na cena abaixo. Há uma marca de outro enunciador por meio da citação (aspas) e por meio do discurso indireto livre:

3.7 Cena 20

J: Então você se tornou nazista.

S: Isso mesmo.

(Pausa)

S: Ele desistiu no mesmo dia. Um cara nas mesmas condições. *O ar aqui está melhor*, dizia papai. *Exceto o suor árabe*. O suor árabe.

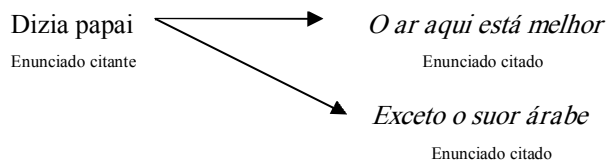
J: O que seu pai achou da saída daquele imigrante?

S: O que você acha?

J: Eu não conheço seu pai.

S: Ele achou bom o cara ter se mandado. Foi embora por que achou um emprego melhor.

Percebe-se que Sören concorda com o enunciado citado do pai, ainda que utilize a forma do discurso indireto, que demarca as duas vozes – Sören, o pai. Há, também, um movimento dialógico em que Sören ecoa o discurso do pai pela repetição: *O suor árabe*. No início do diálogo com Jacob, Sören cita um *ele* (*Ele desistiu no mesmo dia*) que não tem relação com o restante da conversa, ou seja, não ocorre um metadiscurso; é Jacob que identifica esse *ele*: *O que seu pai achou da saída daquele imigrante? (ele)*.



A seqüência de enunciados da cena 20 carrega uma ambigüidade, como se pode notar em: *Um cara nas mesmas condições* e *Ele achou bom o cara ter se mandado*, em que o substantivo *mesma* sugere uma dupla interpretação: *as mesmas condições* refere-se às da família de Sören ou à de outros estrangeiros? Há, ainda, uma contradição no que diz respeito à saída daquele estrangeiro: *achou bom* pode sugerir uma recusa, ficar livre do estrangeiro, ou uma identificação, ser solidário com o outro.

Abaixo, a ambigüidade é uma questão a ser observada, devido à estrutura semântica dos enunciados.

### 3.9 Cena 40

S: se você tem ódio, não há lugar para mais nada na sua cabeça. Precisa tomar cuidado para não ser atacado... por aqueles a quem odeia. Tem de evitar o ataque daqueles a quem odeia. Sem odiar, os outros destroem você.

A partir do excerto acima, percebe que o agente de odiar (você, aqui com valor de qualquer um) odeia para não ser atacado pelo paciente da ação de odiar (os outros). Visto que o ódio é que traz o ataque e não o contrário, desse modo, a construção semântica dos enunciados sofre uma quebra no significado. Pois, a lógica subjacente supõe

Se X odeia Y, então X poderá (é possível) atacar Y.

X agente odiar Y paciente

Y agente atacar X paciente

Retomando parte da cena 17, observa-se que Jacob, por meio de suas indagações, pontua para Sören uma linha imaginária na qual ele enxergará não o estrangeiro, mas a si próprio ao fim dessa linha:

*J: Você usa botas muito pesadas. Por que isso?*<sup>1</sup>

S: faz parte da coisa!

*J: É preciso parecer um nazista, quando se é um, certo?*

S: Exato.

*J: Como os estrangeiros... com seus visuais.*

S: Claro, eles são diferentes.

*J: Você também é diferente, não?*

S: Eles são bem diferentes. Olhos, cabelos e cor diferentes. Eles pensam diferentes. São todos iguais.

*J: O que acha que as pessoas pensam de você, como nazista?*

S: Elas têm medo. Odeiam a gente.

*J: Por quê?*

S: Por que somos diferentes.

*J: Vocês se vestem iguais para mostrar que são diferentes.*

S: Você é um imbecil. Sempre mistura as coisas. Eles pensam do mesmo modo que nós.

*J: E odeiam você por ser diferente?*

S: Sim.

*J: Assim como odeia imigrantes por eles serem diferentes?*

Neste excerto, o que se mostra é que na formação discursiva com a qual se identificam os carecas, *nós* e *eles* (os estrangeiros) são significados como antípodas; mas, apesar de chocarem-se, equivalem-se do ponto de vista do reflexo de si.

Cabe ressaltar que esse reflexo de si apresenta-se principalmente nos momentos de interlocução entre Sören e Jacob. Desse modo, considera-se relevante apresentar outros recortes que apontam para essa questão:

### 3.10 Cena 26

S: Eles são perigosos. Chegam em gangues. Nunca se vê um estrangeiro sozinho. Estão sempre juntos.

---

<sup>1</sup> O grifo serve para ressaltar a relevância das questões elaboradas por Jacob.



Cena 39

S: gostaria de não me sentir perseguido o tempo todo.

J: quer dizer, parar de se sentir um refugiado?

Nota-se que há um reflexo de Sören no que concerne aos estrangeiros. No excerto da cena 26 e 39, percebe-se que os perseguidores, os que andam em gangues são os carecas. As formas do discurso da exclusão, que as análises permitiram capturar nas falas de Sören, parece poderem ser consideradas sob o ângulo da teoria do espelho, de J. Lacan.

Segundo Lacan (apud Lamaire, 1986:230) o reconhecimento de si no espelho apresenta-se em três etapas. Na primeira, a criança, acompanhada de um adulto, confunde o reflexo com a realidade e com os reflexos do adulto e de si mesma. Na segunda etapa, a criança apreende a noção da imagem e entende que o reflexo do espelho não é um ser real. Por fim, na terceira etapa, a criança percebe a diferença entre sua imagem refletida e a dos outros. Desse modo, nota-se o jogo de descobertas do próprio corpo.

Concomitante ao reconhecimento de si no espelho, a criança nota a presença do outro, da mesma idade, e observa-o em gestos, atitudes etc. A partir desse comportamento, a criança está trabalhando com a coordenação motora e tenta situar-se socialmente com relação à outra. Cabe ressaltar que para a criança é importante que ela seja capaz de reconhecer e ainda de poder subjugar-la.

O estágio de espelho é um *pré-formador do Eu pela entrada do imaginário que precede ao simbólico* (cf. Lamaire, op.cit: 231). Essa fase inicia a relação entre o Imaginário e o Simbólico e sua relevância apresenta-se na própria teoria, que é mostrar como o sujeito se constrói.

O ego é formado a partir do estágio de espelho. Desse modo, Lamaire (op.cit:231) explica:

O ego é a imagem do espelho em sua estrutura invertida, exterior ao sujeito, objetivada. A entidade do corpo está constituída, mas é exterior a si e invertida. O sujeito confunde-se com sua imagem, e nas relações com seus semelhantes manifesta-se a mesma captação imaginária do duplo.

A conquista da totalidade do próprio corpo é realizada por meio do estágio de espelho, mas por meio de uma identificação narcísica com a relação à imagem do outro e de si.

A xenofobia é em um primeiro momento o medo do estrangeiro (cf. Zygoris, 1998:194). De acordo com Zygoris (op.cit: 194), uma criança recém-nascida sorri a todas as pessoas que lhe fazem carinho, mesmo aos transeuntes. No entanto, ao oitavo mês de vida, a criança começa a sentir medo em face do rosto estranho. Esse medo, que não existia ao nascimento, não é inato, mas constitutivo. A rejeição e o medo do não-eu (não familiar) aparecem após a criança reconhecer a sua própria imagem num espelho. A xenofobia torna-se possível com o reconhecimento do *eu* e desenvolve-se com a constituição de *nós*.

Apesar dessa imagem reconhecida ter um efeito apaziguador e unificador, de acordo com Zygoris, não reabsorve toda sua agressividade. Ela fará parte mais tarde do sentimento ódio, que mostra como seu principal desejo a destruição do outro. A partir desse conceito, observa-se que o discurso de Sören reflete, como no espelho, ele mesmo, ou seja, a aversão pelo estrangeiro, na verdade, reflete os fantasmas nele constituídos.

A agressividade (ataque) e o medo (fuga) estão ligados entre si na condição de ameaça e a angústia, em sua desconhecida natureza, trarão a tona o ódio do outro na falta de qualquer ameaça. Assim, percebe-se a ambigüidade da relação de ódio e ataque que Sören estabelece: ele odeia por que teme o ataque dos estrangeiros.

O pai, que seria a abertura para o mundo e a quebra com o materno, é o primeiro estrangeiro a se tornar familiar. Radmila Zygouris indaga quanto do ódio ao pai se transfere para o Outro. Por um lado, o drama da xenofobia infantil é poder se passar ao racismo ativo. Por outro lado, o racismo surge em tempos de crise social e econômica.

A partir dessas conclusões, consideramos que esse medo, essa rejeição, essa angústia encontram um discurso que os objetiva – o discurso da exclusão - em que o sujeito expressa sua posição pela recusa do outro e que, geralmente, transforma-se em um racismo manifesto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. (1990). *Heterogeneidade Mostrada* In: Cadernos Lingüísticos 19. Campinas: editora da Unicamp.
- BRANDÃO, Helena Nagamine (2000). *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp.
- COSTA, Márcia Regina da (2000). *Os Carecas do Subúrbio*. São Paulo: editora Musa.
- DUCROT, Oswald (1987). *Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação* In: O dizer e o dito. Campinas: editora: Pontes.
- INDURSKY, Freda (1990). *Polêmica e Denegação: Dois Funcionamentos Discursivos da negação* In: Cadernos Lingüísticos 19. Campinas: editora da Unicamp.
- LEMAIRE, Anika (1977) *Jacques Lacan – Uma Introdução*. Rio de Janeiro: editora Campus. 1986. 4ª ed.
- MAINGUENEAU, Dominique (1997). *A heterogeneidade* In: Novas Tendências em Análise do Discurso. Campinas: editora: Pontes.
- MAINGUENEAU, Dominique (1998). *Termos-Chave da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli (1983). *A linguagem e seu Funcionamento*. São Paulo: editora Brasiliense.
- \_\_\_\_\_ (1984). *Segmentar ou Rcortar* In: Série Estudos 10. Uberaba: FIU.
- \_\_\_\_\_ (1988). *Unidade e Dispersão: uma questão de texto e do sujeito* In: Sujeito e Texto. São Paulo: educ.
- ZYGOURIS, Radmila (1998). *De Alhures ou de Outrora ou Sorriso do Xenófobo* In: KOLTAL, C. (org.) *Estrangeiro, O*. São Paulo: Escuta.